

A Idéia da Universidade de Brasília: *Uma análise do discurso*

Dirce Mendes da Fonseca *

A criação da Universidade de Brasília - UnB representou no contexto da sociedade brasileira uma proposta de modernizar o sistema de ensino superior do país, como reflexo de um dado momento histórico, em que o “desenvolvimento” e a modernização eram vistos como alternativas para o crescimento econômico. A exaltação da mudança estava presente nos projetos do governo brasileiro, na era desenvolvimentalista. Essas idéias permearam e fundamentaram o projeto modernizante da UnB, instituição que foi pensada de forma estruturalmente diferente das universidades tradicionais e com o propósito de atender às novas exigências do desenvolvimento tecnológico.

A proposta modernizante teve na Universidade de Brasília sua expressão máxima. Foi direcionada para o desenvolvimento do país, defendendo a necessidade de inovação científica e tecnológica com vistas ao desenvolvimento autônomo, enfatizando a necessidade uma universidade inovadora, capaz de produzir o conhecimento científico e tecnológico.

Com o processo de industrialização e de desenvolvimento dos anos 50, ocorreram várias transformações no campo econômico e social, tornando evidente o anacronismo da universidade diante desse novo contexto. As atividades produtivas cada vez mais complexas exigiam um número crescente e diversificado de técnicos diferentes daqueles profissionais formados pelas faculdades tradicionais,

* Doutora pela Universidade de Brasília e Professora Adjunta da Faculdade de Educação.

devotadas exclusivamente ao ensino. Essa condição anacrônica da universidade foi apontada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que atacou continuamente a política educacional dos governos federais e estaduais durante a década de 50, especialmente aquelas relacionadas com a educação superior. As universidades tradicionais não tinham respondido adequadamente à revolução tecnológica, deixando o Brasil numa posição neocolonial. A Nação continuava atrasada, porque se encontrava às margens da conquista da civilização moderna.

Na tentativa de sanar este descompasso foi planejada a Universidade de Brasília que enfatizava como um dos principais objetivos “diversificar as modalidades de formação científico e tecnológica ministradas, instituindo as novas orientações técnico-profissionais que o incremento da produção e a expansão dos serviços e das atividades intelectuais estavam a exigir”. Com base nessa premissa, a Universidade foi dotada por uma estrutura modernizante: composta pelos institutos centrais, as faculdades profissionais e as unidades complementares; foi abolido o sistema de cátedra, criou-se a estrutura departamental, estabeleceu-se o currículo básico profissionalizante e adotou-se a flexibilidade curricular com o sistema de créditos.

O pensamento modernizante que fundamentou a criação da Universidade de Brasília foi claramente posto no Memorial da Comissão¹ convocada pelo Ministro da Educação e Cultura para a sua estruturação, conforme se lê, a seguir:

“Muitas outras considerações recomendam a criação em Brasília de uma universidade, de tipo novo para nós, mas já tradicional nos países plenamente desenvolvidos e tida por eles como um dos principais motores do progresso que experimentaram.

As nações que representaram um papel pioneiro na revolução industrial experimentam, em certa medida, um progresso científico e cultural, reflexo de seu enriquecimento material. Elas mesmas, porém, desde cedo procuraram intervir no processo e hoje se empenham numa competição de base mundial para criar um corpo de cientistas e tecnólogos tão amplo e diversificado, quanto o

¹ Comissão convocada pelo Ministro da Educação e Cultura para estudar a estruturação da Universidade de Brasília.

permitam seus recursos, pois estão certas de que o poder de uma nação se mede principalmente pelo vulto de suas disponibilidades neste campo.

Países como o nosso, que procuram encaminhar-se agora para a industrialização e que já se comprometeram de que só a atingirão através do planejamento, não podem esperar que o saber e a técnica de que necessitam surjam como meros efeitos, por ação espontânea. Tal atitude equivaleria à aceitação tácita de uma condição de atraso e dependência que jamais poderíamos superar.

Assim como planejamos a instalação de usinas e de fábricas que nos virão assegurar autonomia na produção das condições materiais de sobrevivência, teremos de criar planejadamente universidades e instituições de pesquisa que nos hão de assegurar independência no plano científico e cultural.

É notório que, por força do próprio desenvolvimento econômico que alcançamos e daquele que atingiremos, à medida que se fizerem presentes as conseqüências do programa de metas, veremos, paradoxalmente, aumentar a nossa dependência técnica e científica em relação aos núcleos que nos exportam os equipamentos e os procedimentos através dos quais estamos produzindo. Tais elementos constituem, sabidamente, subprodutos de um corpo de saber científico e tecnológico que não pode ser importado como as máquinas, mas deve ser organicamente desenvolvido em cada país que almeje plena independência. Não se trata apenas de economizar royalties ou as despesas com assistência técnica, mas de incorporar ao nosso processo de desenvolvimento o único elemento capaz de acelerar seu ritmo e de assegurar-nos condições de progresso independente e ajustado às condições nacionais.

Este é um imperativo inelutável para uma nação que almeja ser uma potência entre os grandes do mundo. Para tanto precisaremos alcançar e superar a proporção entre tecnólogos e trabalhadores que eles já atingiram, como condições fundamentais, para, um dia, vencer a defasagem entre o progresso que alcançaram e o nosso.

Governo que pôs em marcha o programa de metas, destinado a preencher algumas das condições básicas de autonomia e desenvolvimento do Brasil, pode e deve rematá-lo com a criação do núcleo de ensino e de pesquisa capaz de dinamizar as universidades brasileiras e de emprestar novo ritmo e forma à constituição do quadro de técnicos e cientistas que o desenvolvimento nacional requer.²

Um documento importante que permite apreender a idéia da Universidade de Brasília é a Exposição de Motivos do Ministério da Educação e Cultural que exprime o pensamento desse Ministério em relação à estruturação do ensino superior e quanto aos propósitos da universidade a ser criada em Brasília. Esta instituição:

² *Educação e Ciências Sociais*, v. 8, n. 15, p. 84-85, 1960.

“... deveria refletir a nossa época e também ser fiel ao pensamento universitário brasileiro de promover a cultura nacional na linha de uma progressiva emancipação nacional. Para alcançar estes objetivos, impunha-se dar ênfase a instituições dedicadas à pesquisa científica e à formação de técnicos capazes de investigar os problemas brasileiros com propósito de dar-lhe soluções adequadas e originais.”

A criação dessa universidade, planejada com uma nova estrutura, atenderia aos propósitos do Ministro da Educação e Cultura, de criar institutos de caráter universitário, para servir a mais de uma faculdade nos domínios das ciências básicas e tecnológicas. Essa estrutura seria concebida organicamente por um conjunto de institutos centrais e faculdades, uns e outros compostos por departamentos. Tal organização permitiria real economia pela concentração nos institutos de todos os recursos humanos e materiais destinados a uma determinada ciência.

A Universidade, assim modernizada, deveria ter a gerir-la um sistema administrativo mais flexível e mais prontamente eficaz do que os das instituições tradicionais até então existentes. Por isso optou-se pelo regime de Fundação.³ “Embora instituída pelo poder público, essa gozaria, administrativamente, das virtudes de uma empresa privada e teria um patrimônio susceptível de progressivo enriquecimento, capaz de proporcionar-lhe, no futuro, total emancipação econômica.”⁴

Aprendem-se desta Exposição de Motivos preocupações quanto a conferir à Universidades maior identificação com os problemas nacionais (diferentes do ideal de universidade devotada aos estudos da “cultura livre e desinteressada”), voltando-se para o ideário de universidade devotada à ciência e tecnologia; quanto aos aspectos da racionalidade, unidade funcional e economicidade, que passam a ser fundamentais nessa proposta modernizante de universidade. Outro

³ O grifo é nosso, para chamar a atenção para a mudança ideológica que inicia o novo sistema de ensino superior.

⁴ Exposição de Motivos do Ministério da Educação e Cultura, n. 492, 16 abr. 1960.

ponto que se levanta é a questão da privatização do ensino, que começa a ganhar corpo, nesta proposta.⁵

O regime de fundação nasce nos Estados Unidos, de um modelo empresarial que prevê o deslocamento de uma parcela dos lucros das empresas para uma função social. O próprio regime de fundação já pressupõe colaboração empresarial, e isto é bem definido no plano de Darcy Ribeiro. Nos trechos da Exposição de Motivos a seguir, percebe-se a coexistência da universidade científico-tecnológica devotada à alta pesquisa e da universidade do “lado do povo”, função social.

“Consciente do dever que lhe cabe de apoiar o povo brasileiro no arrojado esforço de desenvolvimento em que se acha empenhada, a Universidade de Brasília dará ênfase aos seus propósitos de colaboração. No tronco novo da Nação não quer brotar apenas como floração ornamental de cultura mas com raiz que alicerça e nutre. Não quer ficar isolada em torre de marfim, a cultivar as puras virtudes do espírito, antes deseja descer à pelejar, ao lado do povo, pela sua crescente prosperidade. Deseja ser uma oficina sempre acesa, forjando capacidade mais ágeis e alavancas mais robustas para moverem o nosso esplêndido progresso”⁶.

Nessa mesma linha de raciocínio, ou seja, de universidade comprometida com o desenvolvimento da Nação, Darcy Ribeiro expõe o seguinte pensamento:

“ao ingressar na era tecnológica, a ciência e a técnica passaram a constituir para nós, também, ingredientes fundamentais dos processos produtivos e seu domínio, um imperativo da autonomia nacional. Se fracassarmos neste desafio, justamente no momento em que nos tornamos independentes sob tantos títulos, ver-nos-emos novamente subordinados. Já não dependeremos da importação de automóveis, geladeiras e televisores, mas a da técnica que os produziu e os aperfeiçoa incessantemente. Por muitos anos estivemos na condição dos índios Xavantes

⁵ A Universidade não manterá serviços gratuitos, mas poderá conceber, na forma do regulamento próprio, depois do exame de cada caso individual: bolsa de habitação; de matrícula, de material didático e outros a estudantes de alto nível de aproveitamento, que demonstrem falta ou insuficiência de recursos e, ainda, bolsas especiais de estudos ou de pesquisas para o regime de devotamento exclusivo. Art. 70, § 1º e 2º do Estatuto da Universidade de Brasília, aprovado pelo Decreto n. 1872, 12 dez. 1962.

⁶ Exposição de Motivos, do Ministério da Educação e Cultura, n. 492, 16 abr. 1960.

que, ao aprenderem a utilizar machados de aço, não mais puderam prescindir deles e se viram atados a seus fornecedores.

Agora que já produzimos aço, telefones, penicilina e com isto muito aerescentamos à nossa autonomia, caímos em novo risco de subordinação, representada pela dependência de normas e de saber técnicos. Só seremos realmente autônomos, quando a renovação das fábricas aqui instaladas se fizer pela nossa técnica, segundo procedimentos surgidos do estudo de nossas matérias-primas e de nossas condições peculiares de produção e de consumo. Já por este caminho poderemos acelerar o ritmo de incremento de nossa produção, de modo a reduzir e, um dia, anular a distância que nos separa dos países tecnologicamente desenvolvidos e que se apertam cada vez mais de nós pelos feitos de seus cientistas e técnicos.

A reforma do ensino superior para ajustá-lo às exigências da formação de tecnólogos é, pois, imperativo a que não podemos fugir (...).⁷

A Universidade de Brasília, pensada dessa forma, ajustava-se perfeitamente ao momento político-econômico, às condições históricas, atendendo às demandas do País por novos técnicos. Essa Universidade desponta associada de certa forma à burguesia nacional que, interessada na mão-de-obra qualificada para o setor industrial, inspira a sua concepção de cunho modernizante, que preconiza uma modernização conservadora.

Era presente em Darcy Ribeiro a colaboração do setor privado nesse projeto⁸. Ele contava com a colaboração da grandes empresas autárquicas, paraestatais ou particulares e dos vários programas federais e regionais, cuja expansão estaria na dependência das disponibilidades nacionais de mão-de-obra. Nessa idéia de universidade encontra-se a ligação universidade/empresa, cujos traços estão aí fortemente delineados, antecipando o modelo de universidade da Reforma Universitária de 1968. No Relatório MEC/USAID, a ligação universidade/empresa é bem clara e aparece expressa da seguinte forma:

⁷ RIBEIRO, Darcy. Universidade de Brasília. *Revista de estudos pedagógicos*. v. XL, p. 164, jul./set. 1961,.

⁸ Conta Cyro dos Anjos que Darcy Ribeiro chegou a fazer uma lista dos cinquenta homens mais ricos do País e, de antemão, planejava gastos contando com os donativos. Outra fonte importante de financiamento para a Universidade de Brasília foram os recursos externos: Ford Foundation; National Science Foundation; BID; Fundo Especial das Nações Unidas, etc.

“Urge assim promover uma política nacional de amplo incentivo à pesquisa científica nos diversos domínios do saber, a qual possa contar com o apoio solidário do trinômio Estado-Universidade-Empresa, de modo que atenda aos imperativos da segurança, da ciência e da produtividade.

A política que preconizamos deve orientar-se particularmente para a criação nos centros universitários mais bem dotados, de cursos de pós-graduação - de mestrado e de doutorado - com um sistema de bolsas e incentivos que favoreça aos mais capazes e estimule a especialização nas áreas de maior importância para o País”.⁹

Não é sem propósito afirmar que os fundamentos em que se baseou o projeto da Universidade de Brasília, no seu aspecto modernizante, têm muitos pontos em comum com a Reforma Universitária de 1968. O trinômio Estado Universidade Empresa já estava presente nos pressupostos que fundamentaram a criação da Universidade de Brasília: ela nasce no seio da burocracia estatal por força do Estado, comprometida com o poder e associada aos interesses empresariais, tendo uma função diferente das demais universidades até então criadas, isto é, nasce engajada na busca de soluções para os problemas da Nação e fiel a duas lealdades fundamentais:

“a lealdade aos valores e padrões internacionais da ciência e da cultura - mediante a qual se preocuparia corrigir a farsa dos graus e títulos universitários nacionais e internacionalmente desprestigiado - e a lealdade ao povo brasileiro e à sua Nação, expressando assim o compromisso de vincular a universidade à busca de soluções para os problemas nacionais, à luta do povo brasileiro para levar seu processo histórico aos efetivos caminhos da independência e emancipação.”¹⁰

Essas duas lealdades fundamentais constituíam: “o lema, a ideologia e a causa da Universidade”. Na fala de Darcy Ribeiro encontra-se um desdobramento dessas questões, permitindo perceber a idéia da universidade que se propunha:

⁹ Cf. Relatório da Equipe de Assessoria ao Planejamento do Ensino Superior-EAPES (Acordo MEC/USAID). Ministério da Educação e Cultura, 1969, p. 177.

¹⁰ ALENCAR, Heron de. *A Universidade de Brasília. Projeto Nacional da Intelectualidade Brasileira. Comunicação à Assembléia Mundial de Educação*. México, set. 1964, In: RIBEIRO, Darcy. *A Universidade Necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 277.

“(...) É preciso que a universidade também entre nós seja leal em primeiro lugar aos padrões internacionais do saber - ciência é uma só para todos os homens da terra, e quem não dominá-la no que ela é em si mesma está se enganando a si próprio, está condenado a atrelar-se ao passado. Estou certo de que a ciência é o único acelerador da história capaz de encurtar essa distância enorme que medeia entre nós e povos avançados, como os norte-americanos, os franceses, os belgas. Todos eles, apesar de avançados, continuam progredindo e, como progredimos menos, estamos, de fato, ficando cada vez mais afastados deles e cada vez mais atrasados em relação a eles. O único acelerador que permitirá ao Brasil alcançá-los um dia é a ciência (...). O único processo de um dia atingir o mesmo grau de desenvolvimento é cultivar fidelidade à ciência, é dominar o saber humano e colocá-lo a serviço da exploração dos recursos brasileiros.”¹¹

Darcy Ribeiro define como ideologia e filosofia da universidade “o novo humanismo”.¹²

Comentando sobre a segunda lealdade que deve orientar a Universidade de Brasília, Darcy Ribeiro afirma:

“... é a lealdade aos problemas de seu povo e do seu tempo, ou seja, a aceitação franca de engajamento da universidade ao destino nacional, fundado na convicção de que a pesquisa ou o ensino que se realiza na universidade não só se deve fazer como um ato de fruição.”

O trecho que se segue apresenta a Universidade de Brasília ligada aos problemas do povo:

“A universidade, reunindo recursos materiais e técnicos, cientistas e jovens, o faz para instrumentar a Nação para o pleno desenvolvimento, para que os problemas do povo sejam os problemas da universidade.”¹³

¹¹ RIBEIRO, Darcy. *A UnB na Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados em sessão do dia 09/05/1963*. Brasília, Departamento de Imprensa Nacional, 1963, p. 40.

¹² O que Darcy Ribeiro chama de novo humanismo “é o humanismo científico fundado numa preocupação ética cada vez mais cadente no espírito científico e na segurança de que a ciência, como subproduto mais delicado, mais nobre, do esforço de adaptação do homem na terra, é essencialmente humana e deve servir ao homem ...”. *Ibid.*, p.41

¹³ *Ibid.*, p.42

Essa relação Universidade/Nação/Povo não se apresenta de forma necessariamente direta. A Universidade possui uma função contraditória: é crítica, mas ao mesmo tempo reproduz as estruturas, valores e práticas conservadoras e, nesse sentido, constitui parte da superestrutura jurídico-política do Estado e como tal tem a função de representar os interesses da classe dominante.

No seu livro *Invenção e Descaminho*, Darcy Ribeiro¹⁴ coloca a idéia da “Universidade Necessária”, acreditando que a UnB era, sobretudo o compromisso de esforçar-se, permanentemente, incansavelmente, para ser a universidade necessária:

“Aquele que, ademais de construir-se a si mesma, como deve ser, a casa da cultura brasileira, se faça capaz de ajudar o Brasil a formular o projeto de si próprio: a nação de seu povo, ordenada e regida por sua vontade soberana, como o quadro dentro do qual ele há de conviver e trabalhar para si próprio.

Não pode ser outra a tarefa da universidade de uma nação dependente no plano externo e oprimida internamente. Uma nação cativa de elites infecundas que, não lhe permitindo nunca organizar-se para o seu próprio povo, viu-se retardada na sua evolução histórica. Essa nação frustrada é que requer da sua universidade as armas intelectuais de que necessita vitalmente para o salto revolucionário, que lhe permitirá realizar suas potencialidades, a fim de integrar-se, em dia, autonomamente, na civilização de seu tempo como uma sociedade avançada, próspera e solidária.”

Descrevendo sobre o ideário da Universidade de Brasília, Ribeiro afirma:

“nossa meta era, portanto, criar aquela universidade que em lugar de apenas refletir o atraso cultural e a desigualdade social, antecipasse, no que fosse possível, a sociedade avançada e solidária que havemos de ser amanhã. A Universidade como instituição é o útero onde geram as castas dirigentes e seus servidores intelectuais (...).”¹⁵

¹⁴ RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978. Coleção Depoimentos 3º, p. 41-44.

¹⁵ *Ibid.*, p. 72

Para situar o pensamento de Darcy Ribeiro,¹⁶ é importante apontar a sua obra teórica sobre a universidade, onde, de certa forma, transpõe o modelo da Universidade de Brasília para um plano utópico. O modelo proposto se adequa às universidades que se propõem ser centros dinamizadores da criatividade cultural de uma nação ou região.

O plano da Universidade de Brasília, em nível do discurso, apoia-se na ideologia do capitalismo auto-sustentado, concebe a universidade como uma instância geradora de tecnologia que auxiliaria o País a alcançar autonomia nesse setor e coloca-a a serviço da Nação, atribuindo-lhe o papel de criar uma elite nacional. Entretanto, essa ideologia não dá conta da realidade, constitui uma proposta contraditória, dadas as forças em desenvolvimento do capitalismo. Tal contradição resolve-se no movimento dialético, quando as forças e tendências amadurecem plenamente e chegam limite de possibilidades. O fundamento desse projeto encontra-se atrelado a desenvolvimento. Não prevê nenhum projeto de transformação social e aprofunda o embate entre as classes sociais.

Nessa formulação, a universidade é colocada a serviço do desenvolvimento capitalista, e a modernização é imprescindível nos seus aspectos de eficiência, racionalidade, economicidade. A modernização é levada a cabo por uma “elite modernizante” que acredita na criação apenas de novas estruturas institucionais como forma de ascender a esse processo.

Essa idéia é claramente exposta no trecho que se segue:

“Se não é possível uma reforma radical da universidade pela própria universidade, então a solução será construir-se um exemplo novo e nesse sentido Brasília se apresenta como uma oportunidade única. Construa-se ali uma universidade nos moldes mais modernos, mais eficientes, mais adaptados à época de revolução científica que estamos vivendo hoje; e que as demais universidades, pelo exemplo do que se fizer em Brasília, proeurem ver que não haverá outra saída senão modificarem sua estrutura atual.”¹⁷

¹⁶ RIBEIRO, Darcy, *A Universidade necessária*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.

¹⁷ RIBEIRO, Darcy. Entrevista concedida ao jornal o Metropolitano, por ocasião do Simpósio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, sobre o projeto da Universidade de Brasília, 1959.

Ao que indica, essa modernização estrutural era decorrente da própria necessidade de criar condições para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa para, em última instância, aperfeiçoar a técnica. Por outro lado, democratização de oportunidades parecem inconciliáveis numa universidade de elite, onde se pretendia formar as mais altas capacidades intelectuais do País para setor público e privado - a inteligência nacional.

A idéia da Universidade de Brasília foi fortemente influenciada pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), através da produção teórica, que influenciou o discurso nacionalista imbricado no plano da UnB. O ideário do Iseb foi reproduzido no discurso que fundamentou a criação da UnB:

“... anulam-se os conflitos de classe determinados no processo produtivo, surgindo, em seu lugar, um corpo social unificado pelo esforço de alcançar o progresso anunciado como necessidade histórica, como verdade do conhecimento, como alvo da política. A Nação se edifica mediante a indústria brasileira, a atividade coletiva a harmonia das consciências. Enfim, a liquidação da luta de classe e a afirmação da unidade nacional são, ao mesmo tempo, a defesa da classe produtora autenticamente brasileira, portadora do progresso. O retrógrado é identificado com o improdutivo, isto é, com o desvio ou o desperdício de energias, de matéria-prima ou de capital. Por isso, suas crenças sobre a estrutura e a história da sociedade brasileira só poderiam brotar de uma visão do imperialismo como sede da nacionalidade e da violência: nacionalização do capital seria pelo contrário, a fonte de abundância e da felicidade”.¹⁸

O discurso que fundamentou a criação da UnB foi sustentado em parte pela ideologia nacionalista que se inspirava nas proposições da Cepal e tinha como “expoente” Celso Furtado e Hélio Jaguaribe. Nessas proposições está subentendida a superação do subdesenvolvimento pela expansão do setor moderno em oposição ao setor atrasado, não-capitalista, através do melhor aproveitamento e entrosamento dos fatores de produção, sendo a técnica um fator fundamental, nesse processo. Destaca Celso Furtado:

“Autonomia tecnológica significa estar capacitado para dar solução aos próprios problemas, em contraste com o simples esforço de adaptar a sociedade a

¹⁸ FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho, (apresentação) In TOLEDO, Caio Navarro: *Iseb - Fábrica de Ideologias*. São Paulo: Ática, 1978. p. 11.

modelos importados. Avançar para a autonomia tecnológica exige amplo e decidido apoio às atividades de pesquisa e desenvolvimento e também à pesquisa científica básica e aplicada.”¹⁹

É importante destacar que essa dualidade - setor moderno e setor atrasado - não está necessariamente em oposição ao contrário:

“o processo real mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários em que o chamado moderno cresce e se alimenta do atrasado”²⁰

A viabilidade da ideologia nacionalista²¹ é possível graças ao modelo nacional - desenvolvimentista, e a Universidade de Brasília enquanto proposta apoia-se nessa mesma fundamentação, sendo parte do projeto político do governo, comportando as mesmas ambigüidades e contradições do modelo.

Devido às suas próprias contradições, a crise do modelo nacional - desenvolvimentista tornou-se inevitável: a indústria passou para a segunda fase do processo de substituição de importações, dando ênfase à produção de equipamentos e bens de consumo duráveis. Exigindo, portanto, capital mais elevado. A crise ocorreu exatamente quando essa contradição instaurou-se, ou seja, quando se tentou conciliar o modelo político nacional - desenvolvimentista com o modelo econômico já atrelado ao capital mundial. De certa forma, essa

¹⁹ FURTADO, Celso, *O Brasil Pós-Milagre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 38.

²⁰ OLIVEIRA, Francisco. Estudos CEBRAP, n. 2, p. 8, out. 1962.

²¹ “O nacionalismo emergir e evoluiu como uma força disciplinada, contida e parcial, que respondia às modalidades de consciência social, de interesse e de valores dos extratos sociais dominantes. Ele não adquiriu uma natureza explosiva e revolucionária nem assumiu poder integrativo aglutinante, pois não devia exprimir a conciliação de concepções, de interesses e de valores sociais em tensão e em conflito. Por isso, não se irradiou através do sistema institucional das sociedades nacionais em formação nem captou a vontade profunda dos homens de status diferentes. Elaborou-se e permaneceu como uma força social de superfície e de circunstância, mantendo-se permanentemente incapaz de identificar as diversas classes sociais com alvos coletivos que as transcendessem e as galvanizassem acima de seus destinos históricos particulares. Não chegou sequer a invadir as instituições onde poderia mediar com impacto construtivo insuperável como as escolas ou os quartéis”. Cf. FERNANDES, Florestan. *Circuito Fechado*. São Paulo: Hucitec, 1979, p. 200 - 201.

perspectiva já vinha sendo traçada através da política de industrialização, criando condições para os investidores internacionais e direcionando a política econômica para a fase do “modelo associativo”. A esse respeito, destaca Ianni:

“(...) o povo brasileiro não teve condições para levar a ruptura político-econômica até o fim - segundo as próprias exigências do modelo Getuliano ou conforme uma opção de tipo socialista - o seu desenvolvimento econômico voltou a depender cada vez mais dos veículos e centros de decisão externos. A entrada no estágio da industrialização abriu perspectivas a um desenvolvimento capitalista autônomo. Entretanto, para que esse projeto se efetivasse, era necessária a reformulação drástica dos vínculos estruturais internos-externos (...)”²²

Weffort²³ cita alguns pontos a respeito da incapacidade nacionalista de levar à prática a sua política: “falta de uma liderança pessoal forte capaz de estabelecer hegemonia sobre as demais e falta de organização partidária. O nacionalismo nunca possui uma liderança única, que expressaria de forma dita “não-ideológica” a idéia da comunidade do povo, nem o partido (ou partidos) que a expressariam de maneira dita “ideologia”. Como movimento ideológico, o nacionalismo nunca passou do estágio de atmosfera que se expandia à custa da ambigüidade e da indefinição social”.

O plano da Universidade de Brasília representa, portanto, “um núcleo de controvérsias” retrata as ambigüidades e as ilusões do projeto burguês lastreado no modelo nacional-desenvolvimentista que se inspira no nacional e se sustenta no internacional, preconizando a modernização conservadora. Nos objetivos dessa universidade, está imbricada essa mesma contradição - ela privilegia o nacional, utilizando modelos e formas de outros países, recursos financeiros externos²⁴ e, sobretudo, implementando a modernização “sem

²² IANNI, Octávio. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 155.

²³ Cf. WEFFORT, Francisco Correia. *O Populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 40.

²⁴ Quanto ao financiamento externo para a UnB, Darcy Ribeiro informa da perspectiva anteriormente traçada na sua fala da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados em sessão do dia 09 de maio de 1963. “Outro aspecto que devo

mudanças”, ao mesmo tempo em que se acredita crítica e comprometida com os problemas do povo.

A Universidade de Brasília veiculava um discurso contraditório; por um lado, enfatizava o nacionalismo agonizante, um projeto de desenvolvimento industrial autônomo, o que já era concretamente inviável, dada a abertura para o capital estrangeiro; por outro lado, desenvolvia a modernização conservadora que em última instância preparava a universidade para a etapa do “modelo associativo”, incorporado como um projeto político das elites. O nacionalismo emergiu e evoluiu no Brasil, com uma força disciplinada, contida e parcial, que respondia às modalidades de consciência social, de interesses e de valores dos extratos sociais dominantes. E, neste sentido, uma proposta de universidade encarnada nesta mesma inspiração não incorporava uma perspectiva de reformulação dos vínculos estruturais internos e externos, como forma de levar à frente a autonomia nacional.

Um ponto importante a considerar nesta análise é o caráter mediador que possa ter representado a Universidade de Brasília no contexto histórico em que fora criada.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Heron de. *A Universidade de Brasília. Projeto Nacional da Intelectualidade Brasileira. Comunicação à Assembléia Mundial de Educação*. México, setembro de 1964, In: RIBEIRO, Darcy. *A Universidade Necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ESTATUTO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, aprovado pelo Decreto n. 1872, 12 dez. 1962.

assinalar ao esforço de implantação da Universidade de Brasília é que, neste momento, já contamos com fundadas esperanças de obter de instituições estrangeiras e internacionais, até março do próximo ano, as seguintes parcelas de contribuição financeira: mais de 600 mil dólares da Ford foundation para a biblioteca de ciência e outros objetivos; 850 mil dólares do BID para investimentos em ensino científico e equipamentos, um milhão e oitocentos mil dólares do Fundo Especial das Nações Unidas; 250 mil dólares do governo francês para o ensino de geologia; e além disso estamos tentando ainda junto aos governos alemão, japonês e Inglês outras ajudas.

- EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, n. 492, 16 abr. 1960.
- FERNANDES, Florestan. *Circuito Fechado*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho, (apresentação) In TOLEDO, Caio Navarro: *Iseb - Fábrica de Ideologias*. São Paulo: Ática, 1978.
- FURTADO, Celso, *O Brasil Pós-Milagre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- IANNI, Octávio. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1972.
- RELATÓRIO DA EQUIPE DE ASSESSORIA AO PLANEJAMENTO DO ENSINO SUPERIOR - EAPES (Acordo MEC/USAID) Ministério da Educação e Cultura, 1969.
- RIBEIRO, Darcy, *A Universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- RIBEIRO, Darcy. *A UnB na Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados em sessão do dia 09/05/1963*. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1963.
- RIBEIRO, Darcy. Entrevista concedida ao jornal o Metropolitano, por ocasião do Simpósio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, sobre o projeto da Universidade de Brasília, 1959.
- RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir. Coleção Depoimentos 3ª, 1978.
- RIBEIRO, Darcy. Universidade de Brasília. *Revista de estudos pedagógicos*. v. XL, jul./set. 1961.
- WEFFORT, Francisco Correia. *O Populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

RESUMO

A análise do discurso referente à criação da Universidade de Brasília revela importantes facetas do processo de modernização (conservadora) do país. No plano técnico, a criação da UnB refletia a demanda por quadros técnicos qualificados. Nesse particular, o modelo organizacional da UnB antecipava, em muitos aspectos, a Reforma Universitária de 1968 (Acordo MEC-USAID). No plano político, o ideário de Darcy Ribeiro era fortemente influenciado pelo nacional-populismo do ISEB.

ABSTRACT

The discourse concerning the creation of the University of Brasilia (UnB) reveals several aspects of the modernizing (conservative) process of the country. On a technical sphere, the creation of the UnB unveils a demand for qualified technical

workers. In this sense, the organizational model of the UnB anticipated, in many aspects, the University Reform of 1968 (Agreement MEC-USAID). On a political domain, Darcy Ribeiro's ideas were deeply influenced by the National populism of ISEB.